

A EUROPA EM EBULIÇÃO

por Mário Soares

A Europa - ou melhor, a zona euro - começa a sentir que alguma coisa tem de mudar, para que a moeda única possa manter-se forte e a União Europeia não entre em desagregação. A opinião europeia - talvez com a excepção dos alemães e dos finlandeses - percebeu que a austeridade, imposta pelos mercados usurários, leva necessariamente ao desastre, senão mesmo, como disse Helmut Schmidt, ao abismo.

Enquanto os Estados-membros, vítimas dos mercados, foram a Grécia, a Irlanda e Portugal, a Chanceler Merkel foi repetindo as Cimeiras, com pequenas promessas, quase sempre não cumpridas, avanços, recuos, muitas tergiversações e foi conseguindo deixar os Estados referidos ir de mal a pior. De 2011 a 2012 e agora de 2012 a 2013. Mas algo mudou com a eleição de François Hollande, para Presidente da República e, sobretudo, quando a crise financeira afectou a Espanha e a Itália, duas grandes economias europeias.

Com isso a crise transformou-se em europeia, mesmo os Estados vítimas que não sejam da zona euro, como é o caso do Reino Unido. Tudo mexe e as perspectivas são sombrias.

A França que os mercados usurários querem que seja a próxima vítima, dificilmente deixará de o ser, mas compreendeu que sem crescimento - e menos desemprego - não haverá consolidação financeira possível. É preciso - e urgente - renegociar a austeridade, reduzindo os juros escandalosos que as Troikas exigem, onde estão. A Espanha e a Itália têm procurado fazer isso sem Troikas, apesar das dificuldades com que têm deparado pela parte da Chanceler Merkel, apoiada pelos finlandeses ultra-conservadores. O Governo português deveria ser solidário com os Estados vítimas. Mas não o tem sido. Passos Coelho, quer ser o discípulo dilecto de Merkel e, no quadro europeu, só a ouve a ela. Um erro colossal!

Sempre me chocou ouvir Passos Coelho dizer, repetidamente, "nós não somos a Grécia". Claro que somos e devemos ser solidários. Com a Grécia, com a Irlanda, a Espanha e a Itália. Porque somos contra os especuladores que estão a destruir os nossos Estados Sociais, os valores éticos e democráticos da União Europeia - em especial, o da solidariedade - e as instituições europeias, Comissão Europeia e Banco Central Europeu que, por medo da Senhora Merkel, não se atrevem a dizer o que sentem e têm estado a paralisar um caminho que nos livre da crise.

Passos Coelho e Mariano Rajoy são correligionários e membros do mesmo Partido Popular. Mas Passos Coelho, apesar disso, não tem sido solidário - nem sequer tem falado, que se saiba com o seu homólogo Rajoy - porque ele tem sido contra os mercados usurários e contra as medidas retrógradas de austeridade que Passos tanto gosta. Ora as medidas de austeridade têm de acabar - ou serem muito cortadas, aí sim - para que possa haver crescimento económico e diminua o desemprego, de modo a vencer a crise. É isso que Passos Coelho, fanático do neo-liberalismo, não quer compreender.

Espanha e Portugal são Estados irmãos, independentes, mas ambos Ibéricos, que desde a morte dos ditadores se transformaram em democracias e, por isso, passaram a ter as melhores relações e aderiram, no mesmo dia, à então CEE. Em tempo de crise aguda, deviam ter-se aproximado, como era vantajoso para ambos que acontecesse. Ora, foi o contrário que sucedeu. Por causa do fanatismo ideológico de Passos Coelho e para agradar à Senhora Merkel, que por seu lado só pensa nas eleições que não quer perder. Não é aceitável!

Esquecem que no próximo dia 6, Barack Obama, para benefício da América, da Europa e do Mundo, vai ganhar as eleições. E o vento de esperança que daí vai soprar vai dar à Europa progressista um novo impulso. Não tenho dúvidas

Lisboa, 1 de Novembro de 2012